



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA

o que vale um

Por LAURA CHAVES
Desenhos de CASTANÉ

VIVIA num formigueiro
trabalhador, calmo, ordeiro,
uma formiga estarola
chamada Rebola-a-Bola.

Esse nome que ela tinha,
já se sabe que provinha
de ser a dita formiga
tão travessa, tão rabiga,
que até fazia tonturas
o rol das suas loucuras.
A Rainha, muita vez,
falando dessa má rez,
dizia danada, fula:

— A Rebola não regula
pois só assim se percebe
as partidas que concebe.
Se ela teima, continua,
ponho-a no olho da rua.

Numa tarde de verão,
a formiguinha em questão
abandonou o trabalho,
subiu, ligeira, um atalho,
e parou junto do souto
onde um jovem gafanhoto
chamado Saltão-sem-Tento,
tinha o seu alojamento.
Por arrancar nas folhas
viam-se todos os dias.
Ora a nossa formiguinha
procurou-o, essa tardinha,
para entre os dois se tratar
do que haviam de levar
a uma certa almoçarada
de há muito já planeada



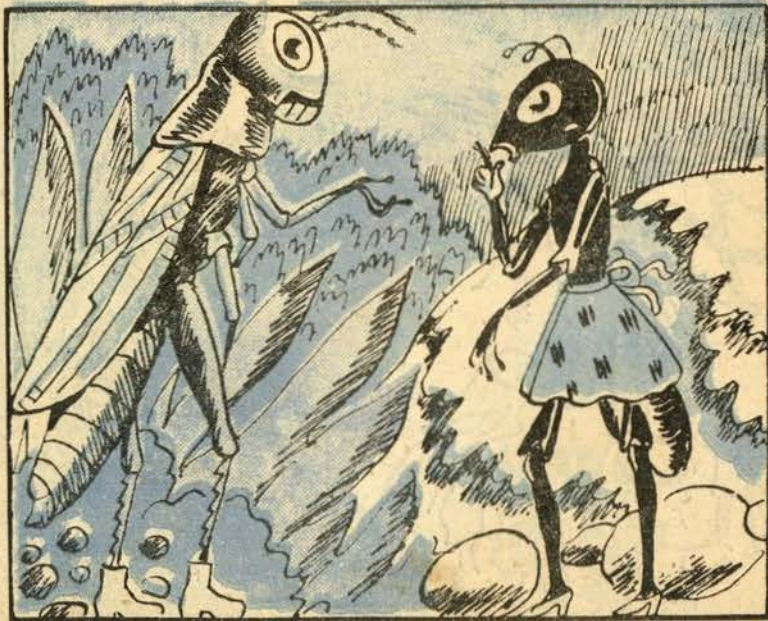
e que a formiga queria
que fôsse no outro dia.

Gostavam de bons petiscos,
e a comer não eram piscos,
por isso a formiga louca,
crescendo-lhe água na boca,
dizia alegre de-veras:

— Vai ser um almoço... e peras!

Adivinha, meu amigo,
o que eu levo? Um grão de trigo!
Ontem, uma nossa obreira
achou-o perto da eira,
metido numa abertura
a arreentar de gordura.
Tratou logo de agarrá-lo
e foi, a correr, guardá-lo

(Continua na página 3)



Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRAFICAS

Por MANUEL FERREIRA

NUN'ALVARES

CONDESTAVEL do Reino, companheiro do Mestre de Avis nas suas lides guerreiras, progenitor da Casa de Bragança, Nun'Alvares (1360-1431) era descendente de fidalgos de alta linhagem. Foi educado por D. Pedro I, tanto nas letras como nas armas e aos 13 anos foi apresentado na corte.

D. Leonor Teles tanto se agradou, de Nuno que o tomou para seu escudeiro.

Nuno, radiante, por ver realizado o ideal supremo da sua vida, foi armado cavaleiro servindo-se do arnez, espada e esporas do Mestre de Avis, visto nenhuma outra terem servido ao corpo franzino do jovem. E quando ouviu a formula: «Eu te armo cavaleiro, em nome de S. Jorge e de S. Miguel, sê valente, corajoso e leal» Nuno, entusiasmado, preparou-se para ser um novo Galaaz, guardando a pureza do corpo e da alma.

Quando D. Fernando, o rei que «fez fraca a forte gente» morreu e as águias de Castela começaram a pairar sobre Portugal, Nuno, sob o signo bendito de S. Jorge, patrono da nossa Pátria, realizou proezas inconcebíveis.

Estratégico notável, bravo, bom, generoso, cavalheiresco, Nuno foi a figura mais grandiosa da cavalaria medieval. Quando todos desanimavam, ele, com um fulgor extraordinário, conduzia, pela sua bravura e pelas suas qualidades de chefe, as suas tropas à vitória.

Como guerreiro, a ele se deve a integridade da nossa terra. A ele anda ligada a ala dos namorados e a batalha de Aljubarrota, que é a epopeia duma nação que tem sempre em si as qualidades admiráveis da Raça.

Devorado por desgostos e contrariedades, por uma doença tenaz, morto um parente amado o Condestável sentia que estava próximo o seu fim...

Senhor de Ourem, Borba, Vila Viçosa, Estremós, Evora-Monte, Portel, Montemor-o-Novo, Almada e Sacavém, não falando noutros avultados rendimentos, o Condestável depois de ter erigido um trono para o Mestre de Avis, abandonou o Mundo, e foi-se encerrar num convento que fundara em cumprimento de um voto que fizera na batalha de Aljubarrota.

D. Nuno poderoso, novo cavaleiro da Távola Redonda, cuja fama corria Eu-

ropa de lés a lés, D. Nuno descendente de reis, passou a ser o mais humilde frade da sua ordem.

Passou a fazer o Bem, pelas obras de misericórdia. Dava de comer aos famintos, de vestir aos nus, visitava os enfermos e encarcerados, remia os cativos, ajudava a bem morrer, os moribundos. E, nunca esquecendo o arnez de guerreiro, Nun'Alvares foi um santo!

Morreu quando os sinos repicavam, em dia de Todos os Santos. Todo o povo chorou aquela sombra do extraor-



dinário vulto de outro tempo. E, diz a lenda que, quando Nuno morreu, muitos milagres se deram.

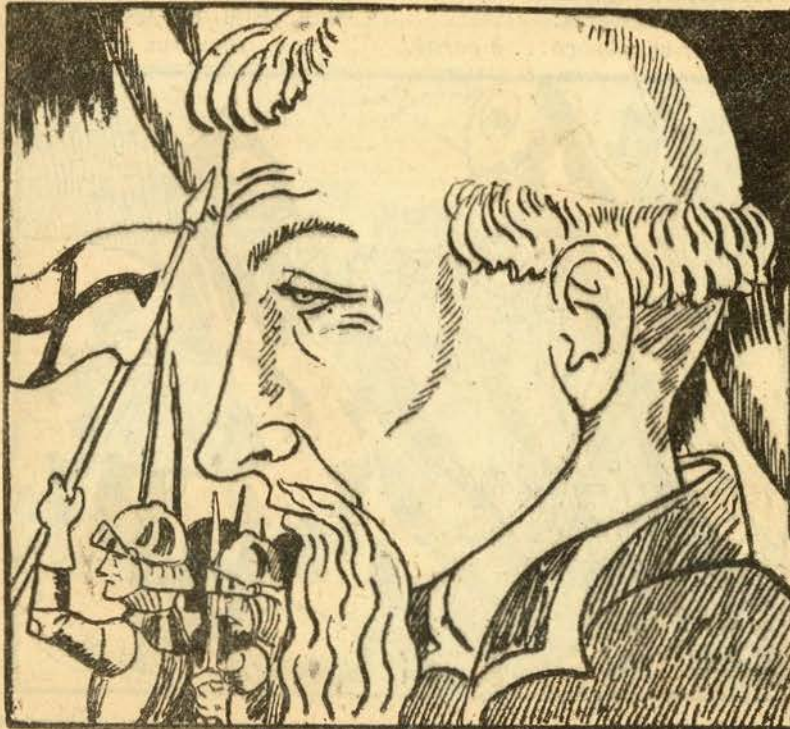
Nuno é o expoente máximo das qualidades da nossa Raça. Parece mais uma figura de lenda, que uma existência real.

Hoje, como dantes, há também, uma nova cavalaria medieval, crente, entusiasta, cheia de Fé nos destinos da Pátria.

São todos esses cavaleiros, jovens de ideais puros e belos, obedientes e virtuosos, sempre alerta, prontos para qualquer eventualidade, os *escoteiros portugueses*.

Sucessores do Condestável, seu patrono, os escoteiros e escutas de Portugal, tomam, como exemplo, na pureza das suas ideias e dos seus actos, o grande Nun'Alvares Pereira.

Nós, escoteiros, temos pelo Condestável a admiração mais extraordinária, mais sublime. E seguindo o exemplo do herói e santo, nós todos, «boys-scouts» da nossa terra, procuramos ser dignos do compromisso que prestámos e que nos diz que devemos ser patriotas dedicados, para honra e glória do nosso querido Portugal!



RELIQUIIA DA MINHA INFANCIA

/// // POR ARGENTINITA // ///

Numa caixa de cartão
Eu tenho bem guardadinha,
— Guardada com devoção —
Uma linda bonequinha,
Com que brinquei e adorei
Na passada infância minha.

Entre as rendas do bercinho
— Rendas de nevada côr
Tão leves como o arminho —
A deitava com amor,
E depois uma canção
Lhe cantava com fervor.

Esta boneca adorada,
Na minha infância perdida,
Relembra-la eu hoje quiz;
Como uma relíquia qu'rida,
Dos folguêdos infantis
Que breves passam na Vida!

Agora está deitadinha,
Com os olhitos cerrados,
E na caixa encerradinha
Recorda os tempos passados
Em que ela era embaladinha
Com infinitos cuidados,

Eu, quando a via dormindo,
la, muito de mansinho,
Beijar contente, e sorrindo
Seu formoso rostozinho.
Uma préce a Deus erguia:
— Que velasse o meu «anjinho!»

F I M

O QUE VALE UM GRÃO

(Conclusão da página 1)

no corredor do celeiro
lá do nosso formigueiro,
onde fica a seçar bem
té entrar no armazem.

Eu, quando a noite cair,
e estiver tudo a dormir,
vou buscá-lo, de mansinho,
e trago-o com cuidadinho
cá para fora, depois,
tu ajudas, e, nós dois,
trataremos de escondê-lo
onde ninguém possa vê-lo.
Amanhã, ó meu amigo,
chamar-lhe-emos um figo!
— O Saltão, meio tentado,
mas um pouco amedrontado,
indá comentou, prudente:
— Mas é um roubo indecente
isso que tu vais fazer.
Se alguém o chega a saber
e o conta a tua rainha,
dá-te um ar, minha amiguinha!
Ao que ela disse: — *Tô ruça!*
Qual ar, nem qual carapuça!
A rainha é muito rica,
como tem sempre larica,
nosso celeiro está cheio
do bom, do melhor recheio,
está mesmo a abarrotar
e assim é que deve estar,
come dele toda a malta. . . .
Um grãozinho, não faz falta!

Como eu tenho habilidade
não há-de haver novidade!

— Mas houve. Quando ela vinha
a avançar com cautelinha,
trazendo a reboque o grão,
surgiu, lesto, o capitão
dos soldados da rainha,
prendeu logo a formiguinha
e, sem a menor detença,
levou-a à real presença
sob a grave acusação
de ser formiga ladrão.

A Rainha, num berreiro,
juntou todo o formigueiro,
e disse muito exaltada:



— Rebola, estás desonrada:
Perdoei-te as diabruras,
as partidas, as loucuras,
que até agora tens feito.
Hoje o crime é de respeito
e dou-te, por punição,
uma ordem de expulsão.

Eu, Rainha das Formigas,
quero, intimo-te a que digas,
perante as tuas colegas,
qual a defesa que alegas.
Foi esta a resposta tôla
que deu a Rebola-a Bola:
— Julguei que roubar um grão
não era assim feia acção
nem causa de tais espantos!
Inda lá ficaram tantos!

A Rainha, com repulsa,
decretou: — Vais ser expulsa!
Mas antes ouve a sentença
que dita a minha sabença.
Que eu em sentenças, então,
sou melhor que Salomão:
Guardem bem no seu pensar:
«Se um grão não enche o celeiro,
não se deve desprezar
que ajuda o seu companheiro.»

/// F I M ///

A BONECA E OS BARQUINHOS DE PAPEL

POR ROSA SILVESTRE, desenhos de A. CASTANÉ

ESTA história é verdadeira. Tão verdadeira que podia ter-se passado com qualquer dos meninos que lêem o *Pim-Pam-Pum*. Não acreditam? Ora oiçam:

Numa quinta muito grande, com ruas que pareciam túneis, por causa dos ramos das árvores que se cruzavam sobre elas, haviam um palácio e uma casinha modesta. E havia também um jardim cheio de flores, e um grande lago que, de dia, brilhava ao sol como um cristal, e de noite servia de espelho às estrelinhas do céu.

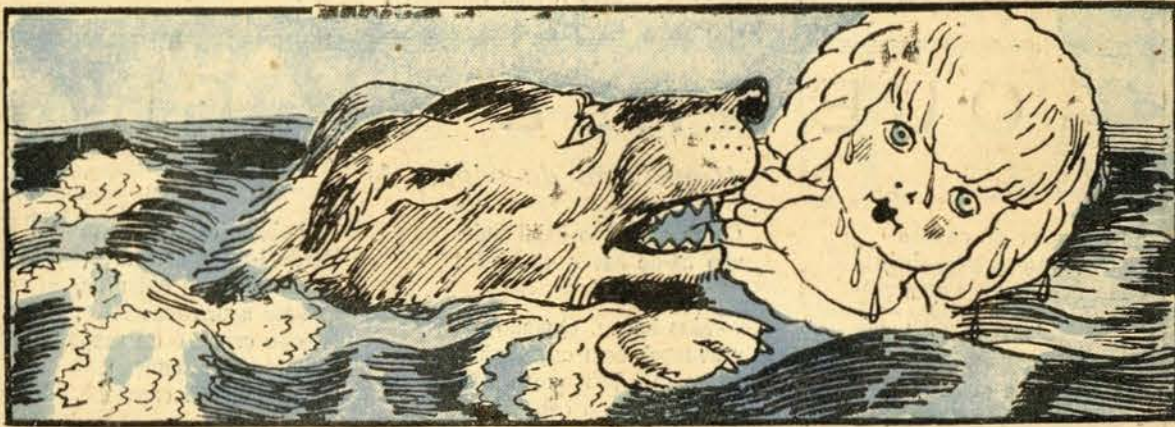
Como é natural esta linda quinta tinha os seus habitantes. Mas as pessoas crescidas têm pouco que vêr com

esta história, por isso falaremos apenas das crianças, dos animais e dos bonecos com que brincavam.

Fiquem, pois, sabendo que no palácio vivia a Isabel e na casinha modesta vivia o Francisco.

Isabel, filha dos donos da quinta, andava pelos onze anos e era muito vaidosa, olhando com desdém para todas as pessoas que não andavam bem vestidas, como ela. Tinha brinquêdos a rôdo e um cãozinho de luxo — um lúlu — que trazia sempre grandes laçarotes no pescoço, da mesma cor dos vestidos da dona.

Francisco, filho do caseiro, era um rapazito de nove anos, vivo, inteligente e cheio de brio. Brinquêdos possuía



apenas os que a sua habilidade e imaginação conseguiam arranjar com bocaditos de madeira e latas velhas. O seu companheiro fiel era o *Farrusco*, um cãesito qualquer que ele encontrára, um dia, na estrada.

Falta ainda dizer-lhes que Isabel e Francisco eram os verdadeiros nomes destas crianças. No entanto, para toda a gente, ela era a *Bélinha* e ele o *Chico*. E, já agora, nós vamos tratá-los também como toda a gente.

Quando principiava o verão, a *Bélinha* chegava, cada vez mais crescida, cada vez mais orgulhosa, sempre acompanhada do *lúlu*, tão importante como ela.

O *Chico* e o *Farrusco* viam-nos passar de longe e nunca se atreviam a aproximar-se. A *Bélinha* parecia nem dar por eles.

Uma vez, porém, o valente *Farrusco*, indignado com a tolice do colega, avançou uns passos, rosnando, de orelhas arrebitadas, com vontade de medir forças com o outro e de ensinar-lhe as regras da boa camaradagem. Não queria lá ver o toleirão! Lá por dormir sobre as almofadas e usar gravata, não deixava de ser um cão tal qual como ele! Pois nem sequer se dignava olhá-lo a direito, quando o encontrava!

Saíu-lhe cara a revolta, porque a *Bélinha*, mal o viu em atitude de desafio, não esteve lá com meias medidas: apanhou uma pedra, atirou-lha, e o simpático *Farrusco* lá foi, a ganir e a coxear, para junto do dono, que se fez mais vermelho do que um rabanete e esteve quási a perder a paciência...

Fazer mal ao *Farrusco* era o mesmo que ferir o *Chico* no coração. Pois se o cãesito era o seu melhor amigo e companheiro!

Certa manhã estavam os dois à beira do lago. O rapaz fazia barcos de papel e punha-os a navegar. Quando eles já iam longe da margem, o *Farrusco* ia buscá-los, a nado, com grande alegria do dono. Divertiam-se, assim, sem fazer mal a ninguém.

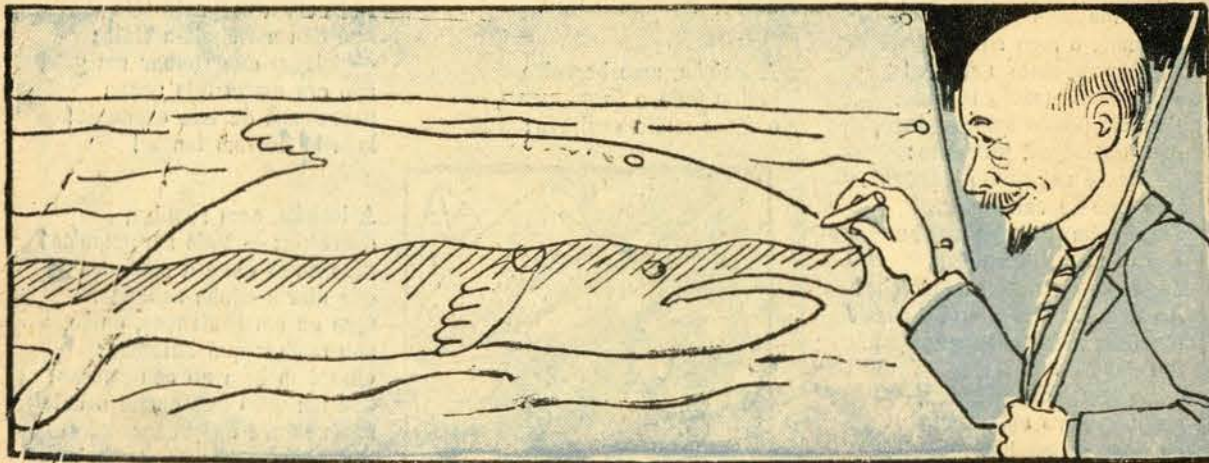
Bélinha passou ali perto e, ouvindo a algazarra que o pequeno fazia, espreitou por entre as árvores.

Apeteceu-lhe logo fazer acabar aquela brincadeira, que lhe pareceu um desafôro. Um cão reles, ordinário, a nadar no lago que era dela, podia lá ser!

Aproximou-se, furiosa, e ordenou ao *Chico* que se afastasse imediatamente com o *Farrusco*. Não contente com isso, pegou numa vara de junco e meteu no fundo os barquinhos de papel.

O filho do caseiro ficou indignado, mas não se atreveu

EXPLICAÇÃO ZOOLOGICA



I — Mestre-escola, senhor Seia, desenhando uma baleia, explica, com toda a lógica, a sua espécie zoológica.



II — Na aula de alunos cheia, mestre-escola, senhor Seia descreve, persuasório, seu órgão respiratório.



III — Nisto, o traço «Zezinho» que é da baleia levadinho, sem o mais bulício, faz no qual um orifício.

IV — E com um sifão — (que luxo!) — despede um grande repuxo; quando o mestre descrevia como a baleia vivia.

V — Ri a aula, à gargalhada mas, meia hora passada, chora o «Zé», com desespero, por ter apanhado um zero.

EXCERTO DUM LIVRO INÉDITO

||| POR MANUEL FERREIRA |||

DIAS depois chegava ao Grupo do Casal das Rosas, a seguinte carta:

«Meus caros irmãos escoteiros

Cheguei bem. Impressões esplêndidas. Parti entusiasmado por ter feito, quando menos o esperava, um grupo de escoteiros na minha querida terra natal.

Fazer um grupo de escoteiros é dar um grande passo para a prosperidade e grandeza da nossa terra, d'este Portugal querido!

O que eu desejo é que cumpram com os vossos deveres, sejam tolerantes, activos, enérgicos, leais e humanos, irmãos de todos os irmãos vossos, que em todo o mundo estão alerta, sempre prontos a baterem-se pelos mais belos princípios.

Lembraí-vos sempre de que sois verdadeiros portugueses e que, como tal, deveis seguir os preceitos da doutrina de lord Baden Powell, o Chefe querido, que tive a dita de ver pessoalmente, por ter visitado Lisboa.

Como veu-me extraordinariamente a presença desse glorioso velho, de fulgurante olhar, passando revista a centenas de grupos de Lisboa, dos arredores, da provincia e das colónias.

O contentamento nele era enorme. Via a sua obra prosperar para bem de toda a Humanidade. E parecia sentir-se mais novo, ao falar com os lobi-



a dizer nada. Foi-se embora, de cabeça baixa e nunca mais se atreveu a voltar para aqueles lados. Coitado! Bastante pena tinha, mas a menina mostrá-ra-se tão zangada!

Passaram dias, semanas. A Bélinha recebera, de presente, uma bonéca moderna, lindíssima, que passou a ser a sua preferida. Levava-a para toda a parte, e um dia, sem saber como, deixou-a cair no lago. Ficou aflitíssima. Como estava só com o cãozinho, não sabia que fazer, e a bonéca lá ia para o fundo, sem que ela a pudesse salvar.

Não se podendo conter, a Bélinha gritou:

—Acudam! Acudam! A minha bonéca está a afogar-se.

O Chico ouviu-a. Sem hesitar, chamou o *Farrusco* e correram os dois para o lago. Antes que lho ordenassem, o cão, destemido e bom, lançou-se à água e foi buscar a bonéca, trazendo-a, cautelosamente, para a margem, enquanto o lúlú, encolhido, parecia compreender a ridícula figura que acabava de fazer.

Pois quê? Nem ao menos servia para salvar uma bonéca?

Bélinha, que era inteligente, compreendeu, então,

a sua injustiça, e a generosidade do Chico e do seu simpático cão.

Não disse nada, mas no outro dia foi procurar o pequeno a casa e ofereceu-lhe um belo barco à vela, para o compensar dos outros, de papel, que ela maldosamente destruiu, autorizando-o a brincar no lago sempre que desejasse.

Para o *Farrusco* levou uma coleira nova e ela própria lha colocou no pescoço, acariciando-o.

Nunca mais os tratou com orgulho, acabando por ser uma boa amiga dos dois.

É muito simples esta história, mas mostra-nos que não devemos desprezar os humildes. Pelo contrário, o nosso dever é tratá-los com delicadeza, para os compensar um pouco da desigualdade da sorte, que faz uns ricos e outros pobres.

Quantas vezes, até, se encontram melhores qualidades nos menos amimados, e maior valor nos que mais insignificantes parecem!

Foi o caso do *Farrusco* e do lúlú.

Ainda bem que a Bélinha o reconheceu e se tornou amável para o Chico, que era tão bom pequeno. Não lhes parece?

tos, como se, na presença deles, os anos desaparecessem.

Escutai sempre, também, os conselhos dos vossos Chefes, junto do simbólico Fogo do Conselho que ilumina os corpos e esclarece as almas.

E, sobretudo, lembrai-vos do vosso lema: «Pela Pátria!»

Sim! Por este Portugal lindo, por esse semi-deus dumã novã mitologia — a nossa História, — por esse cavaleiro, poeta e mareante; cavaleiro, que faz o Bem, poeta cantor de beleza e mareante que fita lindas auroras.

Pela Pátria! Por Portugal! A nossa alma enche-se de júbilo ao pronunciar estas duas palavras de um extraordinário simbolismo. Pela Pátria, é amar a Pátria, é defendê-la, é respeitá-la, é fazer com que a Pátria de gente gloriosa, se sinta cada vez mais engrandecida pelo esforço persistente e entusiasta de nós todos.

Sim! Pela Pátria, Irmãos escoteiros! Procuremos implantar, com êxito, numa tarefa de extraordinário alcance nacionalista, uma cavalaria moderna, mas baseada no código de honra dos cavaleiros andantes, almas enamoradas de ilusões e de bondade.

Pela Pátria! Amando Portugal, trabalhando por êle, afirmando sempre, perante todó o mundo, o valor do nosso Génio e a grandeza dos nossos destinos!

Vosso Presidente de Honra e Guia do Grupo «Infante D. Henrique».

Pedro de Menezes.»

E, lá longe, o moinho enfunava as velas, enquanto o vento parecia acariciar as árvores dessa aldeia linda, onde o Escotismo fizera sentir os seus admiráveis benefícios.

O Escotismo! Que coisa haverá mais bela do que a união de milhões de rapazes de todas as raças e de todos os países, agrupados em tórno da bandeira verde da esperança e da paz, venerando a Pátria, acima de tudo e sempre alerta para dar a vida por ela, quando se encontra ameaçada.

O Escotismo! Genial invenção de Baden Powell — o prémio Nobel, da paz — que procura despertar, na mocidade, o desejo de ser a continuadora das tradições lindas de outras eras!

O Escotismo! Que admirável este método educativo, que incita os rapazes a serem bons filhos e, amanhã, bons cidadãos e convictos patriotas.

O Escotismo! Há algum melhor sistema educativo do que este que, pela vida da selva, resolve todas as dificuldades e desperta os desejos de ver novas terras e sentir novas emoções?!

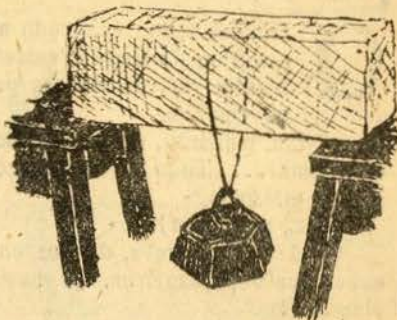
O Escotismo! Como muito bem diz Benjamim Sodré, o escotismo é uma religião. De facto, o Código de Honra, que herdámos dos cavaleiros medievais, encerra os mais sublimes conceitos que fazem com que um escoteiro esteja «alerta», «sempre pronto», pela sua Pátria e pelo Bem da Humanidade!»

(De «Uma Nova Cavalaria Medieval», romance escotista, no prelo).

CORTAR GELO CONSERVANDO-O INTACTO

Embora parecendo, à primeira vista, absurdo o que acima dizemos, não o é, como vamos observar.

Coloca-se pelas extremidades, sobre dois suportes, que podem ser dois bancos de cozinha, um bloco de gelo, em volta do qual se faz passar um arame



de ferro que deve suspender um peso não inferior a cinco quilos.

Instantes depois o arame começa por penetrar no gelo, atravessando-o completamente, devido à pressão por êle exercida e que no seu trajecto, fez aumentar a temperatura da massa.

Finalmente o peso cairá no solo, arrastando o arame e, ao contrário do que ao princípio se supunha, o bloco de gelo ficará intacto sem vestígios de corte. Em consequência da regelação, a fenda aberta foi-se fechando a pouco e pouco à medida que o arame ia passando.

CARTA HIEROGLIFICA

DECIFRAÇÃO DA DO N.º 512

Encontrando-se Calino, certa ocasião à janela da sua residência, sita num quinto andar, muito ocupado a sacudir umas calças, estas escaparam-se-lhe das mãos, vindo a cair no meio da calçada. Debruçando-se, Calino, e deparando com elas em baixo, murmurou fazendo feia careta: Olha o que me aconteceria se eu as tivesse vestidas!

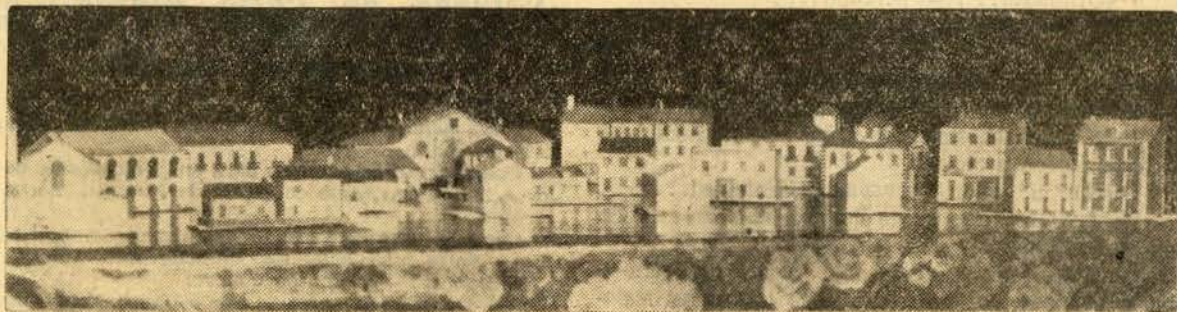
V. N. P.

Concurso Charadístico



O concorrente José Castro Melo dos Santos (Zéca)

UMA VILA COMPLETA



4.º Prémio do nosso concurso ganho pelo menino Manuel José de Oliveira Nogueira

UMA LIÇÃO PROVEITOSA

POR
LEONOR de CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ

O Manuel, todo repimpado ao lado da mãe, no eléctrico da Estrêla, entrelinha-se a ver desfilarem rapidamente as pessoas, as casas e os veículos.

—«Eia, mãzinha, que velocidade! Isto até parece o cinema!... Tudo a mudar constantemente!... Não é, mãzinha?»

—«É, meu filho!...»

O eléctrico parava, de vez em quando, para receber mais passageiros. Já havia muita gente nas plataformas.

A certa altura, a mãe do Manuel olhou para trás. E viu que, na plataforma, uma velhinha mal vestida, de chale e lenço, a custo conseguia segurar-se, para não cair a cada solavanco do carro.

—«Manuel — disse a senhora — vai na plataforma uma mulher de idade...»

—«Já vi, mãzinha.»

—«E então? Qual é o teu dever?»

—«Eu bem sei que um homem deve sempre oferecer o seu lugar às senhoras de idade ou a doentes. Mas aquela não é uma senhora. É uma mulher ordinária...»



—«Ordinária?! Não percebo!...»

—«Sim, mãzinha. Nem sequer usa chapéu!»

A mãe do Manuel não lhe respondeu. Levantou-se e, dirigindo-se à velhota, disse alto:

—«Faça favor de se sentar aqui, no meu lugar!»

—«Mas, minha senhora... não se incomode...»

— tartamudeou a mulher.

—«Não me incomoda nada... Sente-se!...»

E, segurando-a por um braço, foi-a amparando até ao seu lugar.

O Manuel ficara petrificado. Primeiro fizera-se muito pálido e, em seguida, corado como uma malaqueta.



E, apenas a velhinha se sentou, ele levantou-se dum salto e pediu:

—«Perdão, mãzinha. Este lugar é seu e eu sou um parvo!...»

A mãe olhou para Manuel, com vontade de recusar. Mas viu-o tão envergonhado, tão amachuçado, que não teve coragem de o fazer. Demais, a cena tinha sido notada pelos outros passageiros que, cheios de curiosidade, esperavam o desfecho e ela não quis humilhar mais o seu filho. Para lição era bastante.

E realmente, meus queridos meninos, foi proveitosa.

* * *

Nunca mais foi necessário lembrar a Manuel os seus deveres. Daí em diante, qualquer aleijado, doente ou pessoa idosa que entrasse num carro em que Manuel fôsse sentado, não ficava de pé. Manuel, sem atender à categoria dessa pessoa, sem reparar se ia bem ou mal vestida, imediatamente oferecia o seu lugar e com a consciência tranqüila, por ter cumprido o seu dever, continuava a sua viagem, numa das plataformas.

E é assim que os meus amiguinhos, tanto raparigas como rapazes, devem proceder. É tão agradável ser útil aos outros!... Não lhes parece?

F I M

Solução da Carta Hieroglífica inserta no n.º 510

Meus meninos: — Certamente não conhecem esta anedota de Calino.

Calino arranhou um lugar para venda ambulante de bolos e frutas em frente do Banco de Portugal. Arranhou fortuna.

Certo dia, um amigo, pediu-lhe cem escudos emprestados.

— Não te posso emprestar dinheiro, meu velho.

— Porquê? — perguntou o outro.

— Porque fiz um contracto com o Banco. Nem o Banco pode vender fruta nem eu posso emprestar dinheiro.